

A RESISTÊNCIA PELO DENGO: UM OLHAR SOBRE O CONTO “ABRAÇO DO ESPELHO”

THE RESISTANCE THROUGH “DENGO”: REFLECTIONS ON THE STORY
“ABRAÇO DO ESPELHO”

Fabiane Cristine Rodrigues¹

Luiz Henrique Silva de Oliveira²

Resumo: A partir do conto “Abraço do espelho”, de Cuti, publicado no livro “A pupila é preta” trazemos algumas reflexões sobre os modos como as diversas identidades assumidas pelos sujeitos textuais sofrem tensionamentos e são afetadas pelo racismo, bem como são estabelecidas dinâmicas de resistência e enfrentamento ao trauma que o racismo representa para a população negra. Para compreendermos alguns dos impactos das dinâmicas raciais nos indivíduos, nos valem dos trabalhos de Fanon (2020) e Kilomba (2020); para percebermos os mecanismos sociais pelos quais o racismo opera, evocamos as produções de Borges (2019), Almeida (2019), Guimarães (2009) e Vergès (2020); a respeito da construção das identidades e do cabelo como um marcador identitário, trazemos os trabalhos de Hall (2006) e Guedes (2002); as ponderações a respeito da literatura e seu impacto na vida cotidiana passam pelos trabalhos de Cuti (2010), Dalcastagnè (2021) e Walter (2020); por fim, pensamos o conceito de dengo a partir da produção de Nunes (2017).

Palavras-chave: literatura negra; racismo estrutural; identidade negra; Cuti.

Abstract: Starting from the story “Abraço do espelho”, by Cuti, published in the book “A pupila é preta”, we bring some reflections on the ways in which the different identities assumed by the textual subjects suffer tensions and are affected by racism, as well as the dynamics of resistance

¹ Mestra em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Brasil. Doutoranda em Estudos de Linguagens no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5556-2524>. E-mail: fabby-ane@hotmail.com.

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1287-5317>. E-mail: henriqueletras1901@gmail.com.

and coping with the trauma that racism represents for the black population. To understand some of the impacts of racial dynamics on individuals, we draw on the work of Fanon (2020) and Kilomba (2020); to understand the social mechanisms through which racism operates, we evoke the productions of Borges (2019), Almeida (2019), Guimarães (2009) and Vergès (2020); regarding the construction of identities and hair as an identity developer, we bring the works of Hall (2006) and Guedes (2002); the ponderations about literature and its impact on everyday life go through the papers of de Cuti (2010), Dalcastagnè (2021) and Walter (2020); finally, we think about the concept of “dengo” from the production of Nunes (2017).

Keywords: black literature; structural racism; racial identity; Cuti.

1. INTRODUÇÃO

Lançado em 2020, pela editora Malê, o livro *A pupila é preta*, de Cuti, reúne 22 contos que perpassam por diversas camadas do cotidiano de pessoas negras e/ou pertencente a outros grupos marginalizados e como as tensões sociais e raciais impactam em suas vivências. Um dos grandes expoentes da intelectualidade negra brasileira, Luiz Silva, ou Cuti, é Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre e Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e, além das dezenas de publicações de livros de sua autoria e em antologias, é um dos fundadores da ONG “Quilombhoje” e da série “Cadernos Negros”, de inquestionável importância para a manutenção de uma literatura afrocentrada como um fim.

Em sua atuação, Cuti estabelece diálogos fluídos entre o rigor do conhecimento científico e acadêmico e os espaços culturais periféricos e populares. Deste modo, contribui para as discussões e conceituações do que vem a ser a “literatura negro-brasileira”, seus valores estéticos, seu papel de resistência e rasura e também participa ativamente de feiras culturais, rodas de poesia, debates literários etc. Ao longo da obra aqui citada, Cuti desconstrói diversos estereótipos literários, incluindo personagens negros em posições de destaque e poder, subvertendo diversas das lógicas naturalizadas socialmente, trazendo ainda narrativas surpreendentemente felizes, ainda que insólitas. O

título “A pupila é preta”, nos convida para este outro olhar: preto e é através desse olhar que temos acesso à personagens humanos e profundos e à uma realidade que, se muitas vezes não é, poderia ser e funcionar deste modo.

Sua discursividade crítica e consciente se mostra no conto “Abraço do espelho”, contido no livro citado, e selecionado para discutirmos, neste artigo, de quais modos as diversas identidades assumidas pelos sujeitos sofrem tensionamentos e são afetadas pelo racismo, bem como são estabelecidas dinâmicas de resistência e enfrentamento ao trauma que o racismo representa para a população negra.

Para pensarmos essa perspectiva de racismo como um trauma, nos valem das análises empreendidas por Grada Kilomba (2019), partindo da percepção da escrita como um ato de tornar-se sujeito, rompendo com o silêncio imposto à população negra a partir de sua objetificação. A autora pontua que, desde o colonialismo, o sujeito negro é forçado a desenvolver uma relação consigo mesmo a partir do outro branco, pois, uma vez que o controle dos corpos pertence à população branca colonizadora, os demais indivíduos tornam-se o “Outro”, e, dentro da “Outridade” de um mundo pensado a partir da linguagem, valores e ideais brancos, sua percepção de si mesmo e do lugar que ocupa no mundo é profundamente afetada.

Deste modo, como destaca Kilomba (2019), há três características atreladas ao racismo que merecem atenção: a construção da diferença, ou seja, estando em uma posição de poder e privilégios, os sujeitos colonizadores poderiam se “naturalizar” e naturalizar aos seus como sujeitos/norma enquanto os povos colonizados seriam tidos como “o Outro”; construída a diferença, atrelá-la a valores hierárquicos, pois não basta marcar os lugares de “nós X Outro”, é necessário atrelar essas diferenças a valores hierárquicos, isso garantiria a manutenção de um centro e uma margem, determinando quem pode falar, existir, pensar, criar e legitimar; e, por fim, os processos

acompanhados pelo poder: histórico, político, social e econômico, que, embora tenham origem com o colonialismo, se reinventam a fim de garantir a manutenção dessa ordem estabelecida, em uma espécie de “supremacia branca” (KILOMBA, 2019, p. 76), de forma que os “Outros” não podem performar o racismo por não possuírem esses mesmos poderes.

Por fim, o racismo pode ser atrelado ao trauma principalmente por: privar “alguém de sua própria ligação com a sociedade” (KILOMBA, 2019, p. 157), partindo das associações do que significar ser negro X o que significa ser branco, o ato de perceber-se negro desperta nos sujeitos a equivalência de sua identidade dentro do contexto social, situando sua identidade em um local muito específico, definido por diversas equivalências naturalizadas sob a forma de preconceitos; e permitir a experiência “do presente como se estivesse no passado” (KILOMBA, 2019, p. 158), de modo que, rompendo com as noções de temporalidade, a experiência do racismo cotidiano contemporâneo retoma muito do imaginário racista colonial, fazendo com o sujeito seja atravessado por uma profunda sensação de desonra e vergonha.

Ao longo do conto, o autor apresenta personagens que percebem de modo muito distinto a própria subjetividade e o “ser negro”. Tais diferenças são “naturais” se consideramos que, atualmente, não percebemos mais as identidades como estanques ou rígidas, pelo contrário, como destaca Stuart Hall (2006) ao analisar a formação da identidade cultural na pós-modernidade, tornaram-se mais descentralizadas, deslocadas ou fragmentadas, de modo que o indivíduo lida com um duplo deslocamento: “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos” (HALL, 2006, p. 9).

Essas identidades híbridas contribuem para que hajam “jogos de identidade” (HALL, 2006, p. 19), pois, uma vez que as identidades não são singulares, elas podem se “contradizer” em diversos momentos, como

observaremos no desenrolar do conto escolhido. Como não há uma identidade central ou identificação total, o que vemos é que, muitas vezes, elementos como raça, gênero, classe social e posicionamento mais ou menos conservadores contribuem para que os personagens ora se identifiquem uns com os outros e se apoiem, ora se choquem e vivenciem conflitos. A percepção de identidade como algo fluido, múltiplo e fragmentado é importante para a leitura que faremos do conto neste trabalho.

Outro aspecto que merece destaque é o caráter social da literatura e sua importância para a população negra brasileira, uma vez que, como aponta Roland Walter (2021), enquanto muito da história das Américas pode ser resumida aos genocídios, escravizações, máquinas de plantação e subalternizações dos povos originários e das populações trazidas de África na condição de escravizados, a literatura fornece uma alternativa a “não inscrição na história e cultura oficiais vividas e percebidas como não lugares” (WALTER, 2020, p. 2), servindo como ferramenta para a “(re)apropriação/(re)criação de lugares-lares nos diversos contextos sociais, históricos e geográficos das culturas deste continente” (WALTER, 2020, p. 2).

Deste modo, através da escrita, os sujeitos negros brasileiros causam rupturas na história oficial, criadas no intuito de anular e suprimir as diferenças, “escurecendo” a nação física e culturalmente. Também pela literatura, pessoas de pele retinta reinscrevem-se e reafirmam sua identidade, pertencimento e existência. Em *A pupila é preta*, por exemplo, existe a preocupação em criar personagens e narrativas densas, críveis e humanos, de modo que tratamos aqui de uma importante obra da literatura afro-brasileira.

No conto *Abraço do espelho*, nosso objeto de análise, acompanhamos um recorte da vida de Delinda, jovem negra que se sente pressionada a alisar o cabelo para participar de uma importante entrevista de emprego a fim de ocupar uma vaga de secretária júnior. O fato se contrasta com o desejo de a

jovem manter seus cabelos naturais – crespos – ao menos até que ocorra o desfile da Escola de Samba Unidos da Africanidade, evento marcado pelo protesto contra o que os foliões consideram escravidão estética a despeito dos cento e vinte e cinco anos da Lei Áurea. Delinda é desfilaria como porta-bandeira; portanto, um dos destaques da Escola. A partir desse conflito, somos apresentados aos diversos personagens que integram a vida de Delinda, como sua mãe, Dona Juliana, seu namorado Leandro, seu irmão, Gilvan, e o conquistador Roy. Através da narrativa, somos levados a questionar os modos mais ou menos sutis pelos quais o racismo opera em nossa sociedade, conforme buscaremos discutir nas páginas seguintes.

2. IMAGEM DESEJÁVEL X REPRESENTATIVIDADE

Conforme explicitado anteriormente, é através da pressão para adequação aos padrões estéticos vigentes, percebida pela protagonista Delinda, ao se ver na iminência de uma entrevista de emprego, que somos inseridos na narrativa. Já nos primeiros parágrafos do conto, o narrador nos assevera:

[Delinda] Sabia que ao retornar para a casa enfrentaria o dilema íntimo do seu processo de identidade. Contudo, a entrega a que se permitia enquanto porta-bandeira aliviava muito sua ansiedade pela espera da carta convocatória para a entrevista, derradeiro obstáculo. (...) Queria muito que a correspondência chegasse às suas mãos depois do Carnaval, quando, então, não haveria mais confronto entre seus dois interesses, pensava. Seu compromisso com a ala das mulheres, da qual fazia parte, não se oporia à sua necessidade de adequação a um novo visual. (CUTI, 2020, p. 11).

Ainda que não fosse de seu desejo, para conseguir um novo emprego, Delinda sabia que seria necessário adequar-se ao seu visual. É válido perceber o uso da palavra “adequar” neste contexto, pois, de certo modo, indica que o visual da protagonista é inadequado, incompatível como determinado horizonte imagético. Arriscamos dizer que esta percepção não precisa ser

explicitada à exaustão, pois, como afirma Silvio Luiz de Almeida (2019), “o racismo como ideologia molda o inconsciente” (ALMEIDA, 2019, p. 41), de modo que “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (ALMEIDA, 2019, p. 40). Deste modo, o racismo cria narrativas que naturalizam socialmente o fato de que as pessoas brancas ocupem os lugares de poder por merecerem, de fato, ocupar tais lugares.

Ao mesmo tempo em que é naturalizado o merecimento das pessoas brancas aos locais de poder e prestígio, os traços negróides, como o cabelo crespo, são associados ao “indesejado”/ “inadequado” e a lugares de servidão, de acordo com o imaginário de nossa herança escravocrata. Herança não muito distante, pois, como destaca Françoise Vergès (2020) ao pensar sobre as possibilidades de articulação de feminismos decoloniais, é necessário ponderar sobre a diferenciação entre colonização, acontecimento histórico que se encerra com o desaparecimento das “colônias” e autonomia dos territórios, e colonialismo, movimento social que se deriva da colonização, “modo como o complexo racismo/sexismo/etnicismo impregna todas as relações de dominação, ainda que os regimes associados a esse fenômeno tenham desaparecido” (VERGÈS, 2020, p. 41). Dessa forma, ainda que falemos em mais de cem anos de Proclamação da República ou Abolição do sistema escravagista no Brasil, a ausência de políticas decoloniais permite a continuidade da mesma lógica.

Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2009), ao ponderar sobre as origens dessa dicotomia entre “branco/negro”, “adequado/inadequado”, destaca o fato de que elas se reforçam “mútua, simbólica e materialmente” (GUIMARÃES, 2009, p. 49) e, assim,

a doutrina liberal do século XIX, segundo a qual os pobres eram pobres porque eram inferiores, encontrava, no Brasil, sua aparência de legitimidade no aniquilamento cultural dos costumes africanos e na condição de pobreza e exclusão política, social e cultural da

grande massa dos pretos e mestiços, assim como, anteriormente, a condição servil dos escravos era tomada como marca de inferioridade. (GUIMARÃES, 2009, p. 49).

Instaurada uma lógica que opera a partir da “marca de inferioridade”, naturalizando que a massa da população com pele escura carregaria esta marca, é possível entender como essa dinâmica da exclusão opera e continua em funcionamento, atualizando-se de acordo com as condições sociais vigentes.

Ao final da narrativa, após ser entrevistada pelo homem negro que chefiava o departamento da empresa em que Delinda buscava colocação profissional, compreendemos que o cabelo crespo nunca constituiria um empecilho à seleção de nossa protagonista.

Recebida com um amplo sorriso, [Delinda] não pôde se conter e retribuiu com uma satisfação um tanto desmedida. O homem há sua frente era alto e estava elegantemente vestido com um terno azul claro e camisa azul marinho. Traços de jovialidade presentes em sala fisionomia, tinha a pele escura, nariz largo e cabelos trançados que exibiam vários caminhos brilhantes. (...) Na entrevista, saiu-se muito bem, não só pela simpatia com que fora tratada, mas, sobretudo, porque ela havia readquirido uma confiança plena para apresentar suas qualidades profissionais. (CUTI, 2020, p. 19).

Esse excerto da narrativa alerta-nos não para a inexistência do racismo ou de suas consequências na vida cotidiana, mas para a importância de que a população negra ocupe os lugares de prestígio social e poder, pois é deste modo que será possível subverter muitos dos ideais racistas vigentes.

Muito além da crítica aos contornos atuais de nossa sociedade, é importante percebemos que o conto aponta para a possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e igualitária, sendo a representatividade (aqui marcada pela ocupação do cargo de chefia por um homem negro) um dos caminhos possíveis para alcançarmos este ideal, rompendo com as marcas de

inferioridade que alimentam e legitimam as dicotomias apontadas, incluindo novas identidades nos ambientes de poder.

A este respeito, para além da narrativa, a materialidade do conto analisado também contribuiu para esse deslocamento, uma vez que, como afirma Regina Dalcastagnè (2021), a ausência de representatividade dos grupos marginalizados no fazer literário reflete o controle dos discursos, que silenciam os grupos dominados, excluindo-os de diversos ambientes políticos, inclusive o literário. Deste modo, sua inclusão no campo literário é, também, uma inclusão no campo político, legitimando sua voz, seus discursos e suas existências.

3. ESTÉTICA NEGRA

Embora dilema de Delinda entre alisar os cabelos ou manter sua crespura e a divisão entre as mulheres que compõe a Escola de Samba Unidos da Africanidade na qual uma parte apoiava a exaltação dos cabelos crespos na avenida e outra que admitia que mulheres com o cabelo alisados participassem da ala, outro ponto de tensão vivenciado pelas personagens femininas na narrativa, possa parecer banal em uma leitura desatenta, o que está em jogo vai muito além das escolhas apenas estéticas, tratando da construção de sua identidade enquanto mulher negra em meio à manutenção de uma “escravidão estética” (CUTI, 2020, p. 12).

Como destaca Nilma Lino Gomes, a identidade é construída, além do olhar do indivíduo sobre ele mesmo, pela interação com o outro, de modo que

o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra (GOMES, 2002, p. 2).

Assim, sendo a beleza uma construção social baseada em valores estabelecidos e aceitos pelos membros de determinada sociedade - ou, ao menos, pelos membros que ocupam posições decisórias e, por isso, detêm poder suficiente para definir valores e serem ouvidos - e, posteriormente difundidos e naturalizados a partir de representações publicitárias, fílmicas, literárias e outras modalidades culturais que contribuem para a formação de um imaginário coletivo, se pensarmos que, no Brasil, o padrão idealizado é branco, torna-se nítida a importância de construir, legitimar e naturalizar a beleza negra.

Considerando que a identidade se constrói, também, no plano simbólico - valores, crenças, rituais, mito e linguagem -, naturalizar a beleza negra é, antes de mais nada, reforçar positivamente a identidade negra. Por isso, assumir a crespura dos cabelos “pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo”. (GOMES, 2002 p. 3).

Outra expressão utilizada no conto analisado e que merece um olhar mais atento é “escravidão estética” (CUTI, 2020, p. 12), utilizada para representar a exigência do alisamento sobre os cabelos femininos e o corte baixo, à máquina, sobre os cabelos masculinos. Sendo a estética negra, pensada a partir de valores não-brancos, um modo de resistência e reafirmação identitária, não sendo mais permitido a desumanização e escravização dos sujeitos negros, resta o controle sobre os corpos e a estética negra, de modo a enfraquecer a identificação destes indivíduos com sua própria imagem.

A respeito dos cabelos crespos, “black”, rasta, dreadlocks e com penteados africanos, Kilomba (2019) destaca que eles “são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a ‘raça’, gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo”

(KILOMBA, 2019, p. 127) e, em contrapartida, “as ofensas (...) são respostas de desaprovação a tal redefinição e revelam a ansiedade *branca* sobre perder o controle sobre a/o colonizada/o” (KILOMBA, 2019, p. 127).

Novamente nos deparamos com um resquício da colonização, que se perpetua através da colonialidade dos corpos negros. Se manter o controle sobre o corpo negro, sua apresentação e como é percebido, remonta o desejo de controlar o indivíduo tirando sua humanidade e transformando-o em coisa, a recusa sobre este olhar e estabelecimento de um novo modo de se ver e se portar no mundo reafirma sua identidade e humanidade.

Para pensarmos nas relações entre a estética negra, identidade e decolonialidade, convém evocarmos o poema *Ferro*, também escrito por Cuti: “Primeiro o ferro marca/ a violência nas costas/ Depois o ferro alisa/ a vergonha nos cabelos/ Na verdade o que se precisa/ é jogar o ferro fora/ e quebrar todos os elos/ dessa corrente/ de desesperos.”, percebemos aqui uma crescente entre a violência do ferro que marca as costas do indivíduos em condição de escravizados e a vergonha que surge em seus descendentes, resultado, como já citado, da naturalização dos traços negróides como “marcas de inferioridade”.

Diante do cenário apresentado, qual seria, então, uma alternativa para romper com essa lógica? Ora, romper com os “elos da corrente de desesperos” e nos voltarmos à pupila preta, reforçando a estética negra e sua beleza, como pontua Gomes (2002, p. 2), “essa revalorização extrapola o indivíduo negro e atinge o grupo étnico/racial a que se pertence. Ao atingi-lo, acaba remetendo, às vezes de forma consciente e outras não, a uma ancestralidade africana recriada no Brasil”. E, é importante ressaltar, recriar essa ancestralidade africana no Brasil representa um modo de resistir ao colonialismo e reafirmar que existiam outras culturas, saberes, estéticas, povos e valores em África, antes da chegada do homem branco e dos processos de colonização e escravização.

De modo mais amplo, além das ofensas, a censura (mais ou menos) velada aos corpos negros em representações midiáticas e culturais, o controle sobre os traços dos corpos que ocuparão lugares de destaque nas empresas e tantas outras representações que moldarão o imaginário também são estratégias que evidenciam o desejo de controle sobre o corpo negro. E a literatura não está imune a este cenário e, a este respeito, Cuti (2010), pondera que são resultados da discriminação racial, que é a prática do imaginário antinegro naturalizado em nossa sociedade, pois,

quando um escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil. (CUTI, 2002, p. 25).

ao afirmar que para romper com o círculo vicioso de preconceitos os produtores de uma literatura devem refletir com profundidade a respeito das relações raciais no Brasil, Cuti (2002) chama atenção para as inúmeras tentativas de construção identitária, enquanto nação, embranquecida, apagando e, quando isso não era possível, relegando à vergonha e marginalização as características que se afastavam deste ideal. Sendo arte em geral e, mais especificamente, a literatura modos de construir e naturalizar conceitos e imaginários, foi um recurso amplamente utilizado para o ideal de branqueamento da população.

Por isso, reafirmar sua identidade e o desejo pelos próprios traços negróides e estéticos na literatura é, acima de tudo, uma estratégia de sobrevivência e resistência.

4. EMBRANQUECIMENTO COMO ESTRATÉGIA

Outro aspecto abordado no conto e que também é fruto das tensões raciais no país são os relacionamentos inter-raciais fundados no auto-ódio. A este respeito, convém destacar duas passagens. A primeira delas destaca o momento em que a mãe de Delinda reforça a importância de que a filha alisasse os cabelos.

Sua mãe não contribuía para o seu gostar de si mesma. Dona Juliana apontava tudo o que, segundo ela, poderia prejudicar a filha no jogo da aceitação social. Contrariando sua própria história, a genitora chegou mesmo a aconselhá-la que evitasse namorar homens negros, dizendo que os futuros filhos não sofreriam na disputa social. (CUTI, 2020, p. 12).

A segunda passagem acontece quando, a caminho do salão, Delinda encontra Roy, um homem negro, jovem “de cabeça raspada” (CUTI, 2020, p.14). Segundo o conto, o personagem é um conquistador e flerta abertamente com a protagonista. Contudo, salta aos olhos a diferença de tratamento que Roy dispensa a Delinda, a quem ele cumprimenta dizendo: “Pretinha, chega aí!” (CUTI, 2020, p. 14). Já à personagem branca, que aparece enquanto Roy e Delinda conversam, o galã diz: “Oi, Estelinha...” (CUTI, 2020, p. 15).

Partindo destes excertos, podemos discutir como as estratégias racistas e de branqueamento impactam os afetos negros. Antes de mais nada, é importante percebermos que, apesar de se tratar de personagens negros e que, em algum grau, apresentam certa semelhança no discurso, possuem diferentes identidades de gênero, que impactarão na sua experiência de mundo.

Desta forma, temos, em um primeiro momento da narrativa, a preocupação de Dona Juliana, mãe de Delinda, que justifica-se no medo de que os netos já nasçam em desvantagem na “disputa social” (CUTI, 2020, p. 12). Ainda que possa parecer um comentário banal, a partir dele percebemos com a personagem enxerga nossa sociedade: em eterna disputa em que, quanto mais

afastado do ideal de brancura estiver o indivíduo, menores serão suas chances de sucesso.

Este pensamento, como nos aponta Juliana Borges (2019), não é completamente deslocado da realidade: de acordo com os dados apresentados pelo nosso sistema penitenciário (Infopen), o Brasil possui a terceira maior população carcerária do mundo e a maior parte desta população é constituída por jovens negros. Este cenário de forma alguma reflete características genéticas ou biológicas da população negra, ou seja, não queremos associar o ser negro ao cometimento de crimes, mas é resultado do sistema racista e punitivista pelo qual a sociedade brasileira foi estruturada, na qual os corpos negros estavam constantemente sob controle e tentativas de destituição de sua humanidade. Devemos considerar também que,

se esse sistema já operou explicitamente pela lógica da escravidão, passando pela vigilância e pelo controle territorial da população negra após a proclamação da República, pela criminalização da cultura e pelo apagamento da memória afrodescendente, percorrendo a aculturação e a assimilação pela mestiçagem e pela apropriação, pela negação do acesso à educação, ao saneamento, à saúde – questões que permanecem, inclusive –, hoje não temos um cenário de fim dessa engrenagem, mas de seu remodelamento. (BORGES, 2019, p. 21-22).

Na narrativa são apresentadas algumas dessas novas engrenagens pelas quais opera a estruturação racista, como a “escravidão estética”, as dificuldades encontradas pelas pessoas negras para acessarem importantes cargos no mercado de trabalho e a favelização dessa população. Essas reflexões não justificam a reprodução de ideais racistas e de branqueamento social apresentado por Dona Juliana, mas nos permitem perceber possíveis caminhos através dos quais essas reproduções se originam e, a partir desta compreensão, desnaturalizar os ideais racistas que ainda operam no nosso imaginário.

A respeito dos ideais racistas que permeiam nosso imaginário, convém resgatar, em um segundo momento da narrativa, a construção do personagem Roy, citada anteriormente. Em um primeiro momento, já nos chama atenção o fato de ele ser descrito pelo narrador como um homem negro “de cabeça raspada”, uma vez que, principalmente no contexto deste conto, é um símbolo muito explícito da identidade negra e, como afirma Gomes (2002),

O cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser pensado como um signo, pois representa algo mais, algo distinto de si mesmo.

Assim como a democracia racial encobre conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. (GOMES, 2002, p. 8).

Assim sendo, do mesmo modo que a assunção de uma estética afrocentrada denota o orgulho e identificação racial, o ato de raspar, alisar ou lançar mão de estratégias para atenuar os traços negróides também pode refletir esse afastamento da identidade negra. Cabe ressaltar que tais afirmações são feitas pensando no personagem Roy a partir dos indícios narrativos, conforme discutiremos ao longo desta seção, e que, embora o cabelo possa funcionar como um signo e tenha enorme representatividade para a afirmação da identidade negra, não é o único signo que a representa.

Outro aspecto do personagem que chama a atenção do leitor mais atento é que, ao se dirigir à personagem Estela, Roy a chama pelo nome ao invés de por um apelido – como se dirige à Delinda, chamando-a de “pretinha”, e, ao ser confrontado por Delinda, ela explicita o fato de que ele só se relaciona afetivamente com mulheres brancas (“pros bailes das quebradas a gente serve, mas pra desfilhar no shopping aí tem que clarear. E pra casar, sabão em pó.” (CUTI, 2020, p. 15)). Roy reage dizendo:

Ô pretinha!... Isso aí é racismo, sabia? Você agora é também do movimento negro, é? Eu não tenho nada contra esse pessoal que fica por aí gritando pelas cotas, mas eu acho que a gente tem, cada um, de lutar por si, certo? Eu vou pra faculdade esse ano. Sem precisar de cota. (CUTI, 2020, p. 15).

A dificuldade de Roy em perceber a si mesmo como homem negro é evidente. Ele tenta se distanciar da identidade negra através do distanciamento da estética que convoca a sua cor de pele, das pautas da população negra e, por fim, do afeto para com mulheres escuras. A este respeito, Frantz Fanon nos lembra sobre o “súbito desejo de ser branco” (FANON, 2020, p. 79), ou seja, ser reconhecido como branco, que só pode ser satisfeito pelo relacionamento com uma mulher branca que, ao amá-lo “me prova que sou digno de um amor branco” (FANON, 2020, p. 79).

Percebemos, então, outra consequência das estruturas racistas de nossa sociedade. Além da identidade, em seu caráter mais coletivo, há impactos na identidade em seu caráter mais íntimo e individual. Ora, se é construído um imaginário negativo em torno do que é ser negro e se a população negra está sujeita a diversas e reiteradas formas de violência, o desejo de não ser reconhecido como negro, ou de se “embranquecer”, se torna cada vez mais pungente.

Ao pensar nos modos como a nossa sociedade se articula, o desejo de embranquecer o máximo possível encontra suas raízes também no que Guimarães (2009) denomina de “pigmentocracia” – que também recebe o nome de “colorismo” em outros estudos sobre relações raciais –, que são os diferentes tratamentos recebidos por sujeitos negros a medida que apresentam mais ou menos características negróides, de modo que, quanto mais “branco” for o sujeito, de mais prestígio social gozará. Essa é uma importante estratégia do colonialismo para fragmentar a identificação dos indivíduos com sua negritude. Ao conceder mais “benefícios” aos que se mais atendem aos anseios

eurocentrados, o imaginário negativo associado à negritude é fortalecido e, assim, as “marcas da inferioridade” vão sendo reforçadas.

No entanto, ainda que seja de fundamental importância compreender os mecanismos que estão por trás da naturalização dos preconceitos e discriminações raciais, devemos ter sempre em mente que não é através do embranquecimento da população brasileira que se encontra a ruptura com o racismo e seus traumas, mas a partir da subversão do ser negro, do fortalecimento e da reafirmação da identidade, como podemos perceber ao longo do conto.

5. MERITOCRACIA E AÇÕES AFIRMATIVAS

Outra questão que pode ser pensada a partir da narrativa diz respeito às ações afirmativas e à falácia da meritocracia, como pode ser percebido a partir do excerto em que Delinda pondera sobre a importância de conseguir um emprego, pois,

De olho nas vagas por cotas raciais nas universidades, a jovem acalenta o desejo de, no ano seguinte, matricular-se em um cursinho pré-vestibular e ousar o concurso para medicina, embora tenha plena consciência das imensas dificuldades. (CUTI, 2020, p. 13).

Por sua vez, questionado sobre suas escolhas afetivas e, entendendo o cunho racial do questionamento, Roy interpela Delinda da seguinte forma:

- Ô, pretinha!... Isso é racismo, sabia? Você agora é também do movimento negro, é? Eu não tenho nada contra esse pessoal que fica por aí gritando pelas cotas, mas eu acho que a gente tem, cada um, de lutar por si, certo Eu vou pra faculdade esse ano. Sem precisar de cota. (CUTI, 2020, p. 15).

A escolha de palavras deve ser observada com atenção, uma vez que, para Delinda, jovem negra e periférica, almejar o curso de medicina em uma

universidade não era apenas um sonho, mas sim uma ousadia. Para Roy, por sua vez, o ingresso na faculdade, ainda que em “um vestibular pouco disputado” (CUTI, 2020, p. 15) era uma conquista individual, fruto de seus próprios méritos enquanto indivíduo, ao contrário dos ideais defendidos pelos membros do “movimento negro”.

Consciente das relações raciais, a jovem entende que, as condições de disputa no concurso para um curso tão concorrido seriam injustas, pois como nos afirma Almeida (2019), existe uma íntima relação entre a desigualdade racial e a desigualdade educacional, ainda resquícios de uma sociedade que manteve a população negra marginalizada mesmo após a abolição formal do sistema escravista. Roy, no entanto, adota um discurso que se aproxima do liberalismo, ignorando as diferenças estruturais e evocando as lutas e méritos individuais.

Novamente, Almeida (2019) nos alerta sobre os modos como o discurso meritocrático opera na realidade brasileira, escondendo que o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas ao invés de reafirmar que a competência e o mérito têm cor – e a cor é branca – deveriam nos fazer questionar o que ocultam. Essa estratégia associa-se ao falso discurso de democracia racial uma vez que,

Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial. (ALMEIDA, 2019, p. 51-52).

Ao demonizar os integrantes dos movimentos negros e reforçar o discurso meritocrático, Roy explicita mais uma vez sua falta de identificação

como homem negro, ou, ao menos, revela não perceber criticamente algumas das implicações raciais de sua condição. Fragmentar identidades e dificultar a percepção das pessoas negras de sua própria negritude também é um resquício das políticas colonialistas, a fim de impedir (ou ao menos tentar impedir) a organização dos indivíduos em prol da exigência de igualdade de direitos. Como pondera Almeida (2019), ao negar o racismo, nega-se a necessidade de lutar pelo seu fim e por políticas de reparação histórica.

Mesmo que em um primeiro momento os comportamentos e escolhas discursivas do personagem Roy nos gere um desconforto, também são importantes indicadores para refletirmos sobre os efeitos das políticas de embranquecimento na população negra brasileira, uma vez que, como pondera Kilomba, “ não deveríamos nos preocupar com o sujeito branco no colonialismo, mas sim com o fato de que o sujeito negro ser sempre forçado a desenvolver uma relação consigo mesma/o através da presença alienante do “outro” branco” (KILOMBA, 2019, p. 39, apud HALL, 1996). Portanto, se faz necessário, além de ouvir com criticidade discursos muito simplistas ou que ignoram as dinâmicas sociais existentes e estruturas de poder perpetuadas, manter a pupila preta, no sentido de observar o mundo também com o viés da racialização, lendo e acessando outros imaginários e lógicas discursivas seja na literatura ou em qualquer arte.

6. AFRODENGÓ

Enquanto as políticas e ações de embranquecimento reforçam ideais racistas, o autor nos apresenta, também, importantes exemplos de superação do trauma racista através do que chamaremos aqui por “afrodengo”. A escolha da expressão “dengo” para representar este afeto que une as pessoas negras, marca também a distinção linguística com o conceito de “amor”, que tem origens e articulações no mundo e imaginário brancos e ganham materialidade

linguística no idioma do colonizador, Português. “Dengo”, como aponta Nunes (2017), tem origem banto na língua Quicongo e,

durante toda a história de escravização, favelização e racismo nessa diáspora de angústia, o Brasil, foi o instante eterno de libertação expressado num simples aconchego de esperança no desconforto cotidiano. A união dos corações em sublimação ancestral, o oriki que arrepia os pelos, pois ecoa por todo o corpo o axé e o poder dos orixás. Os olhos que se entrecruzam e se fixam, pois há de haver o beijo, supremo dengo, libelo de libertação expresso no gesto. Os corações que se entrelaçam para fazerem o “corre” do quilombo íntimo e movimentar os outros mocambos para construir o grande quilombo. A humanidade que se reconstrói depois de se diluir através do racismo das grandes metrópoles em frenesi no sorriso da companheira(o) no encontro sagrado depois da batalha enfrentada. O reencontro dos continentes afastados através de um juntar manhoso de faces azeviches a formarem destinos. (NUNES, 2017).

Dessa forma, encaramos neste artigo o “afrodengo” como uma estratégia de resistência ao racismo cotidiano e estrutural e reafirmação da identidade negra. É através do afeto e da construção de uma “África fora de Africa” que os negros em diáspora, durante e após a escravização, conseguem reconstruir e reafirmar sua humanidade, promovendo o que o Nunes (2017) descreve como “reencontro dos continentes”.

Na narrativa, podemos perceber a potência deste afeto em diversos momentos, como o apoio que Delinda recebe das companheiras da Escola de Samba. É Nzinga, companheira de agremiação que auxilia a protagonista no processo de se identificar com o seu cabelo crespo e gostar dele, percebendo sua beleza e marcando, também, esse entrecruzamento de olhares que se reconhecem e, percebendo-se belos, validam mutuamente sua beleza.

Após a bem-sucedida entrevista de emprego, o entrevistador negro também demonstrou esse afeto, entregando a Delinda um kit de produtos de beleza e dizendo, antes de sorrir e apertar sua mão: “Nossa empresa agora está com uma linha de produtos étnicos. Acho que você vai gostar. Demorou, mas a

diretoria resolveu nos contemplar” (CUTI, 2020, p. 20). Neste trecho da narrativa percebemos que, a despeito do medo do julgamento branco que Delinda sentia, o entrevistador a via como igual e compartilhava com ela a “luta” contra a já citada “escravidão estética”. Além da atitude de presentear a candidata com um kit de produtos de beleza, temos uma cuidadosa escolha de palavras, que a partir da expressão “nos contemplar” demonstra essa proximidade percebida e afirmada. Destaca-se também o sorriso aberto pelo entrevistador, marcando este lugar de afeto e compreensão, superando a esperada frieza corporativa.

Já nas páginas finais da narrativa, temos a atitude marcante de Leandro, namorado de Delinda. Após ter alisados os cabelos para a entrevista, Delinda desfila pela Escola de Samba.

E quando vê Leandro na arquibancada, com sua recentíssima careca luzidia, sente que ali está seu homem, capaz de emprestar-lhe o que mais prezava em sua aparência cotidiana. Envia-lhe um beijo, selando uma profunda e poderosa cumplicidade. (CUTI, 2020, p. 20).

A atitude do namorado, raspar os cabelos para que Delinda pudesse utilizá-los como uma lace (prótese capilar que se assemelha à uma peruca) e desfilas com um cabelo black power simboliza esse “afrodengo”, uma tentativa de aquilombamento – entendido aqui como um retorno à um local seguro, distante dos julgamentos e valores brancos, uma África fora de África, um local apartado do colonialismo e seus resquícios – e resistência negra, apoiando-se mutuamente. Ao contrário de Roy, Leandro não demonstra o interesse de “ser branco” através da validação branca, mas reafirma sua identidade negra ao dividir com a mulher amada, negra, seu cabelo, importante símbolo identitário.

O “afrodengo” aponta também caminhos aos medos despertados pelas disputas sociais, pois, a partir do aquilombamento, é possível resistir às violências cotidianas e construir lugares de segurança e poder.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do livro *A pupila é preta*, Cuti nos oferece outras perspectivas sobre a negritude, os modos como nos organizamos enquanto sociedade, o que pode estar por trás dos nossos estranhamentos diante de alguns desdobramentos, tensionando os limites da naturalização de preconceitos e violências internalizados. Neste artigo, optamos por analisar apenas um dos 22 contos que compunham a obra por entender que, se em uma primeira leitura a narrativa parece leve e otimista, existem outras camadas a serem percebidas em uma leitura mais atenta.

A partir do conto “Abraço do espelho”, temos acesso à narrativa de alguns dias da rotina de Delinda, uma jovem negra e periférica, e, mais que isso, temos acesso a diversas identidades que interagem, se sobrepõe, existem e resistem. Não esgotamos diversas leituras possíveis e tampouco trouxemos todas as discussões e conflitos apresentados no conto, mas lançamos um olhar sobre as formas como gênero, raça e classe social e suas interseccionalidades funcionam como importantes marcadores das experiências individuais dos personagens e de sua percepção no mundo.

Na narrativa, os personagens são apresentados de modo a evidenciar a complexidade humana e não se restringem aos estereótipos com os quais já estamos acostumados, essa diferença nos faz refletir sobre a importância de termos acesso à uma literatura do negro, pensada através do ideal de que, por se tratar de indivíduos, suas questões não podem ser resumidas aos aspectos raciais e que, ainda que a racialização tenha efeito sobre os indivíduos não os atinge da mesma forma. Tomemos como exemplo Roy e Leandro, dois homens negros, jovens e que se posicionam de forma bem distinta no que diz respeito à identificação racial, ao querer-se negro e gostar-se negro,

O enredo também foge ao esperado e nos leva a refletir sobre as formas como nossa sociedade se estrutura e sobre o que as naturalizações escondem, além de apontar o aquilombamento e o dengo como uma forma de resistência e manutenção de uma identidade negra. A este respeito, temos o grande gesto de Leandro, que doa o seu cabelo, fio condutor para os tensionamentos raciais da narrativa, para a mulher amada, mas também temos o entrevistador, que rompe com as expectativas de Delinda e do leitor, explicitando um vínculo com a entrevistada e, através da escolha de palavras, deixando que ela percebesse que ali seria bem aceita e que fazia parte daquele ambiente, mesmo que tenha sido necessário aguardar por muito tempo até que houvesse a mudança de mentalidade almejada e mesmo Maria Nzinga, que acolhe Delinda e a auxilia no processo de reconhecimento de sua identidade negra.

Enxergar o aquilombamento e a construção de um afeto afrocentrado, por isso a escolha por “dengo” é um dos modos de equilibrar a faceta árida da resistência e militância com um modo de existir mais ameno, enxergando o afeto como um modo de atuar politicamente, superar os traumas raciais e reorganizar os papéis sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- CUTI. Ferro. In: SANTOS, Luiz Carlos dos (Org.). *Antologia da poesia negra brasileira: o negro em versos*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 87.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- CUTI. *A pupila é preta*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade Negra – Body and hair as symbols of black identity*. 2002. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf. acesso em 20out2021 às 11:19

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e antirracismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NUNES, Davi. A palavra não é amor, é dengo. Geledés, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/palavra-nao-e-amor-e-dengo/> acesso em 27fev2022 às 09:07

DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: Alterações e continuidades. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 1, p. e40429, 11 jun. 2021.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WALTER, Roland. *Literatura e teoria da diáspora negra das Américas: entre tempos e lugares em busca de lares*. 2020 . Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1253-literatura-e-teoria-da-diaspora-negra-das-americas-entre-tempos-e-lugares-em-busca-de-lares>. acesso em 20out2021 às 11:03

Recebido em 17/10/2022.

Aceito em 05/12/2022.